



**IDENTIDADES EM RISCO: O DISCURSO DISSONANTE DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

Janaína da Silva Sá¹-UFSM

GE: Políticas de Inclusão e Formação de Professores.

Resumo

Este trabalho tem como interesse auscultar as implicações de uma literatura tida como “menor” que vem ganhando espaços de intermediação no cenário nacional. Esse processo se reflete a partir de algumas terminologias utilizadas por autores que se referem a esse procedimento como “as lutas por autonomia dentro de determinado campo literário.” (BOURDIEU, 1996, p.63). O interesse de análise se fixa em outras vozes dissonantes que circulam dentro do mercado dos bens simbólicos. A emergência do discurso de Carolina Maria de Jesus, escritora mineira, é uma insígnia desses novos tempos, em que se permite conhecer uma voz que se manifesta no intuito de “re-historicizar o momento de ‘emergência do signo’, ‘a questão do sujeito’ ou ‘a construção discursiva da realidade social’”. (BHABHA, 2013, p.66). Cronologicamente, a narrativa de Carolina Maria de Jesus vem à tona em um momento instigante da história brasileira em que lutas se estabelecem tanto no campo social, político, econômico se estendendo, sobretudo, no campo cultural. Seu grande sucesso *Quarto de despejo* (1960) revela um discurso em que se expõe a identidade ameaçada de uma mulher

¹Aluna do Curso de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários da Universidade Federal de Santa Maria. E-MAIL: Janaina.sa@jc.iffarroupilha.edu.br

negra e moradora de favela, que se entende como poetisa e artista, vivendo em universo atribulado pelos insultos da fome e da miséria. Sua narrativa se apresenta como um denso material sociológico que ganhou notoriedade em um tempo em que o mundo da favela era desconhecido e intencionalmente oculto. Seu relato contundente do *locus* de onde fala se coaduna às correntes teóricas pós-estruturalistas que permitem discussões sobre outros discursos que se encontravam anteriormente à margem. O trabalho que se procura efetuar com a obra da escritora Carolina Maria de Jesus incide na iminência de que mais professores, alunos e comunidade escolar redescubram sua obra, a fim de que sua identidade não corra risco de ser ofuscada por um discurso hegemônico que privilegia certas castas e deslegitima determinados sujeitos sociais.

Palavras-chave: Identidade, Cultura, Gênero, Carolina Maria de Jesus, Escritora.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como interesse demonstrar as ações realizadas em torno da obra da escritora Carolina Maria de Jesus que teve grande êxito no mercado editorial brasileiro na década de 1960 do século passado. O livro *Quarto de despejo* (1960) promoveu o discurso da autora que, alocada na favela do Canindé em São Paulo, chegou a ter edições publicadas no exterior. Entretanto, a voz dissonante dessa escritora negra nos anos posteriores se arrefeceu e o conjunto de sua obra não teve a mesma acolhida dentro do mercado dos bens simbólicos. Cabe, portanto, a investigação a que me proponho de entender esse fenômeno e quais as implicações dessa literatura tida como “menor” e como se propagou esse novo discurso pouco difundido no mundo das letras nacionais.

A emergência do discurso de Carolina Maria de Jesus, tomando-se como referência o lugar de onde fala, representa uma insígnia desses novos tempos, em que se permite conhecer uma voz que se manifesta a partir do gueto, um *locus* específico, em que a intermediação de outros sujeitos sociais era quase sempre obliterada.

Em *Quarto de despejo* (1960) está posto um discurso que manifesta uma identidade ameaçada de mulher negra, moradora de favela, que se entende como poetisa e artista, vivendo em universo atribulado pelos insultos da fome e da miséria. Já em *Diário de Bitita* (1986) o universo que se vislumbra é o da constituição de um passado, tomado a partir da demarcação da infância, em que seguem as buscas da narradora em conseguir o mínimo de aceitação junto ao meio em que está alocada. O que explanarei aqui se refere aos dados que

venho recolhendo e fazem parte do andamento de pesquisa realizada junto ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Modalidade: Estudos Literários da UFSM.

JUSTIFICATIVA

A análise do referido *corpus* tem como uma de suas fronteiras de análise a busca pelo entendimento dos motivos do afastamento de indivíduos negros dentro do mercado editorial brasileiro. Dentro desse processo, acredito que há uma disparidade que inviabiliza a representação desses indivíduos, tendo em vista que a formação cultural do nosso país tem também no negro um elemento basilar.

Por esse viés, penso que as manifestações escriturais feitas por mãos negras, em grande parte de um período, ficaram restritas à reprodução de estereótipos que, no mais das vezes, somente reforçavam a questão do preconceito.

No alvorecer dessas discussões Gilberto Freyre no ano de 1933, com a publicação de *Casa-grande & Senzala*, afirma: “Todo o brasileiro mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e/ou do negro.” (SCHWARCZ:2012,p.49). Entende-se que nesse momento a miscigenação era dada como uma dádiva em que a convivência entre as três raças era pacífica e plenamente acordada. Esse primeiro movimento ficou conhecido como o da *democracia racial*.

Já na década de 50 outras discussões em relação à integração dos negros na sociedade brasileira se fizeram sentir. O então sociólogo Florestan Fernandes dá outro enfoque para esse diálogo, tomando o viés da desigualdade. Em sua análise, ele relata sobre a vida dos negros pós-abolição, apontando que essa relação não foi pacífica:

O impacto da competição com o “estrangeiro” foi aniquilador para o negro e o mulato, [...]. Enquanto o branco da camada dominante conseguia proteger e até melhorar sua posição na estrutura de poder econômico, social e político da cidade enquanto o imigrante trocava sucessivamente de ocupações, de áreas de especialização econômica e de posições estratégicas para a conquista de riquezas, de prestígio social e poder, o negro e o mulato tinham que disputar eternamente as oportunidades residuais com os componentes marginais do sistema – ‘*como não serviam para outra coisa*’ ou com os que “*estavam começando bem por baixo*”. (FERNANDES,1965, p.10).

Na esteira dos debates sociológicos compreende-se que as desigualdades sociais verificadas desde o período pós-abolição estão condicionadas por políticas públicas que favoreceram benesses a determinada parcela da população brasileira. O negro, por sua vez, foi sendo empurrado para os bolsões de miséria, sobrevivendo à própria sorte. Nos cadernos de

Carolina Maria de Jesus essas marcas de desigualdade social, bem como as de racismo são fortemente percebidas:

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei em suicidar*. Eu me suicidando é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro*, mas estava recheiado* com pernas de barata*. Joguei fora e tomamos café. Puis* o único feijão para cozinhar. Peguei a sacola e saí. Levei os meninos. (JESUS, 1960, p. 90).

A situação de insuficiência do indivíduo, relativa à obtenção de bens para a mínima sobrevivência, coaduna-se com a problemática do preconceito. Entretanto, Carolina sabedora do devido lugar que ocupa – moradora da favela do Canindé, não se mostra alienada em relação à condição que o negro ocupa na sociedade. Ela formula um discurso em que dialoga em pé de igualdade com o branco:

[...]Um dia, um branco me disse: - Se os pretos chegassem ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1960, p. 58).

*Ausência do pronome proclítico, concordância nominal, ortografia (aqui há alguns desvios na norma culta da língua, que são marcas de sua narrativa, pois se referem a um nicho específico de produção).

OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo investigar as relações sociais, que subjazem o discurso empreendido nos cadernos de Carolina Maria de Jesus denominado *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, publicado no ano de 1960 e *Diário de Bitita*, publicado no ano de 1986, no Brasil.

A partir dos relatos de uma mulher *descaracterizada* como possível escritora, estando completamente *afastada* dos modelos da época para tal fim, Carolina Maria de Jesus comove. Acredito que a escritora tenha instituído outro foco de visão, uma perspectiva tomada *de dentro*, descrevendo a população marginalizada, a qual se incluía e que não queria pertencer. Nesse processo visualizam-se suas aspirações, seus problemas, sua concepção de si mesma enquanto composição étnica, suas relações de amor e ódio, seus ressentimentos para com os poderes públicos. Portanto, seus relatos assumem um caráter político.

Suas notas, colhidas entre o lixo e o luxo que tanto a encantava, fazem um recorte da vida miserável dos habitantes da favela do Canindé em São Paulo, na mesma intensidade em

que se transmutam na falta de um senso de pertencimento não só da protagonista, como também do coletivo que pertence.

Outro intuito de análise desse *corpus* seria a investigação acerca dos níveis de preconceito sofrido pela protagonista e as possibilidades de inserção em um mundo que vê o negro como uma estrutura ausente, à parte da convivência de um mundo socialmente digno, humano.

REFERENCIAL TEÓRICO

O cerne dessa investigação está amparado nos estudos de Homi K. Bhabha, que se encontram no livro **O Local da cultura** (2013), Pierre Bourdieu e as contestações que realiza em **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**(1996), os estudos relativos ao espaço e a escrita de si, de Michel Foucault, encontrados respectivamente nos textos **Dos Espaços outros**(1994)e **A escrita de si** (1992), a perspectiva também do espaço expressa por Roland Barthes, que se encontra no texto **Semiologia e Urbanismo**(1993) além da aplicação da perspectiva rizomática, verificada em **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** (1995) de Gilles Delleuze e Félix Guattari.

Entendo que esse referencial teórico compreende a representação de Carolina Maria de Jesus, pois esses autores se propõem a entender a representatividade de grupos, tidos até pouco tempo como minoritários, levando em consideração que exercem papéis sociais constitutivos dentro da totalidade das discussões realizadas na teoria contemporânea.

METODOLOGIA

Os capítulos que constituem essa análise fazem parte de minha Qualificação de Tese, realizada no segundo semestre de 2015, dispostos da seguinte maneira: O capítulo introdutório, denominado fortuna crítica, passeia pelas considerações do sociológico Robert Levine, brasileiro norte-americano, e José Carlos Bom Meihy, um historiador brasileiro, cujo trabalho oportunizou uma abordagem de cunho sociológica referente à autora, considerando o lugar de onde fala.

Esses autores publicam *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994) levando-se em conta um resgate da vida cultural brasileira sob o ângulo dos que põe em risco o pensamento hegemônico instalado. Segundo esses autores, o livro *Quarto de Despejo*

(1960) traz uma mensagem inteiramente de crítica social, que iria de encontro à lógica que estava prestes a se instaurar: a ditadura militar.

Outra possibilidade, a fim de se revisitar a obra de Carolina Maria de Jesus, está no fato de entendê-la como um sucesso em relação ao mercado editorial. Em *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus* (2014), Elzira Divina Perpétua tenta desvendar os caminhos que fizeram com que seu nome ganhasse repercussão em um cenário como a década de 60, em que outros nomes mais aclamados pela crítica, como os de Jorge Amado e Clarice Lispector, ganhavam os holofotes do mundo literário nacional.

Outra análise evidenciada é a de Germana Henriques Pereira de Sousa em *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata* (2012). Seu método de compreensão aponta para um procedimento mais universalizante da obra da escritora, visto que sua obra ganhava alcance em diversos países, devido às diversas traduções a que fora sujeita.

Outro ponto de vista dimensionado por esta fortuna crítica dá vazão aos posicionamentos do professor Eduardo de Assis Duarte, que investiga a autora sobre o prisma das produções que durante muito tempo estiveram silenciadas ou que não encontraram o devido alcance de seu público.

Sobre outro enfoque de análise, em que se procura dar visibilidade ao nome de Carolina Maria de Jesus, está na pesquisa de Mário Augusto Medeiros da Silva. O pesquisador faz um levantamento relevante acerca da produção literária negra e periférica no Brasil, entre as décadas de (1960 – 2000).

A tônica dessa discussão recai sobre as produções que atendem a uma nomenclatura de literatura periférica, por se configurarem como um tipo de produção cultural que está delimitada por critérios sociais, econômicos e culturais. O nome de Carolina Maria de Jesus soma-se a uma lista de outros autores que não obtiveram visibilidade, caracterizando o que o pesquisador denomina como Sociologia da Lacuna.

De outra perspectiva, não menos conflituosa, está na abordagem da professora Regina Dalcastagné que busca ampliação do discurso de Carolina Maria de Jesus, propondo a formulação de um contraponto ao discurso dominante e opressivo que repele a figura dos menos favorecidos ao mundo das letras. Segundo a professora, tal como em outras esferas da produção do discurso, “o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão.” (DELCASTAGNÈ, 2007, p. 18).

Parto, portanto, desses embates em que se reúnem diferentes abordagens referentes ao nome de Carolina Maria de Jesus, a fim de compor sua fortuna crítica.

A partir do capítulo I, denominado: As potencialidades da ideologia da cultura brasileira no limiar do século XX procuro repensar o discurso da escritora, tomando-se como referência uma perspectiva historiográfica, amparada pela visão de Carlos Guilherme da Mota. Em *Ideologia da cultura brasileira (1933 – 1974)*, o historiador problematiza a questão de reavaliar as dimensões da cultura brasileira, tendo como base autores ditos “explicadores do Brasil”, como é caso de Gilberto Freyre e a publicação de *Casa-grande & Senzala* (1933).

A partir do estudo desse historiador, se polemiza a respeito do projeto de institucionalização do mito da democracia racial que se alargou dentro das fronteiras da cultura brasileira, a partir do ano de sua publicação em 1933. Acredito que essa máxima amparada por Gilberto Freyre tenha se solidificado dentro da ideologia nacional a ponto de que algumas cenas se reproduzam em textos literários como os produzidos por Carolina Maria de Jesus. Creio que muitas das cenas que são focalizadas na obra de Carolina reproduzam as marcas de um passado tutelar em que o patriarcado ainda expressava seu amplo domínio.

Nesse sentido, entendo que a interlocução dessa escritora possibilita um olhar mais estreito, mudando-se o foco de análise e investindo a ambientação da senzala para a casa-grande. Julgo que, sob esse prisma, há uma nova projeção do olhar, sobressaindo-se também novas vozes que irão se contrapor ao discurso hegemônico, por exemplo.

Em *Diário de Bitita* (1986) a voz autoral negra e feminina de Carolina interpõe-se como uma discordância das prerrogativas do discurso de Gilberto Freyre, pois instaura uma leitura ao revés. Desses relatos se ampliam outras possibilidades de se observar a representação do elemento negro, tomando-o como referencial histórico, sendo que se tem acesso à voz de grupos sociais que, na maioria dos casos, era representada a partir de estereótipos nas produções literárias nacionais.

É a partir desses entraves que marcam a formação ideológica da cultura brasileira que se pretende fazer o resgate do discurso caroliniano. Cogito que há marcas inapagáveis de um passado escravista que se destacam no discurso de Carolina, como forma de registro de opressão e exclusão. É da perspectiva do olhar do elemento negro (perspectiva da senzala) que se parte, a fim de se investigar as relações de poder que predominam dentro do processo de passagem do regime escravocrata para o republicano.

Nesse sentido, deposito credibilidade na força narrativa de Carolina em posicionar-se como voz dissidente instalada em um pretense contexto hegemônico de produção. A partir de alguns trechos da obra dessa autora, investigam-se possíveis conexões com o texto de formação da cultura nacional, no intuito de se demonstrar que as marcas de um passado agrário-patriarcal, principalmente ao que se refere ao escravismo do povo negro.

O ponto de chegada que se pretende, levando-se em conta essa perspectiva, está na tentativa de formular a seguinte proposta: Carolina Maria de Jesus mesmo sendo negligenciada pelo cânone literário nacional pode ser lida através da perspectiva historiográfica, pois em alguns trechos de sua narrativa se verificam as representações do povo negro como atuante, partícipe e protagonista no envolvimento da formação cultural brasileira.

A discussão em torno do nome de Carolina Maria de Jesus alia-se aos diversos desdobramentos que os estudos culturais tentam apontar como uma saída, a fim de se dinamizarem outros estudos referentes aos arranjos e demarcações da organização da sociedade brasileira. Nos últimos anos, presencia-se uma visão da heterogeneidade dessa formação cultural que está sendo discutida e vem avançando ao longo dos tempos, condicionada por movimentos e fluxos que envolvem grupos, etnias e movimentos sociais de toda ordem.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz (2012) a ideia de raça no Brasil, jamais foi um termo neutro. Segundo a antropóloga, correntes de pensamento alocadas no final do século XIX, principalmente as defendidas pelo médico baiano Nina Rodrigues, representante do darwinismo racial, impunham que a mestiçagem existente no país parecia atestar a própria falência da nação. Essas manifestações acreditavam que a miscigenação extremada era ao mesmo tempo ‘sinal e condição da degenerescência’. (SCHWARCZ, 2012, p. 21).

Nessas pesquisas, pautadas por vários ‘estudos de caso’, Nina Rodrigues procurava tornar matéria científica a situação do lugar que a população negra ocuparia recém-saída da escravidão e sujeita ao arbítrio da República. Ao tentar elucidar esse processo, Nina Rodrigues, impregnado por uma lógica evolucionista, afirma que “os crimes são involuntários em certas raças inferiores, que não se podem julgá-los com os códigos de ‘povos civilizados’.” (SCHWARCZ, 2012, p. 24).

Posteriormente, as demarcações referentes aos estudos de raça no século XX, por exemplo, passam pelas teorias do branqueamento, estabelecidas principalmente no início desse século, tendo como maior representante, a obra de Gilberto Freyre. Para o pesquisador, o branqueamento era necessário, enquanto se procurava a convivência entre os grupos étnicos no Brasil, a ponto de se estabelecer um verdadeiro mito, amparado no “equilíbrio dos opostos”, não se levando em consideração os conflitos e violências que advinham desse processo.

De acordo com Lilia Moritz Schwarcz (2012), em 1930, o mestiço tornava-se ícone nacional, um símbolo da identidade, cruzada no sangue e sincrética na cultura, ou seja, no

samba, na capoeira, no candomblé, na comida e no futebol. Desconsiderava-se, nesse caso, que “as populações mestiças e negras continuavam a ser discriminadas nas esferas da justiça, do direito, do trabalho e até do lazer”. (SCHWARCZ, 2012, p. 28).

A questão aqui levantada serve como nota introdutória da análise que se pretende discutir, enquanto se busca averiguar a manifestação desses indivíduos. No caso específico de Carolina Maria de Jesus, que tenta se estabelecer através do mundo artístico/mundo literário, se revela a condição adversa a que fora sujeita, quando comparada a outras etnias que se pretendem compósitas dentro da formação nacional.

Outra perspectiva metodológica prevista está em perceber as manifestações literárias da autora a partir de uma compreensão filosófica. No capítulo II, denominado: A perspectiva rizomática, parto de uma leitura do discurso de Carolina, primeiramente tido como literatura menor, assim como demarcaram Gilles Deleuze e Félix Guattari, em relação à obra de Frantz Kafka no início do século passado na Europa.

Nesse caso, a tônica está na discussão de se instituir a voz de Carolina como um sujeito de enunciação pertencente a uma comunidade potencial, que tem a capacidade de forjar os meios de outra consciência e de outra sensibilidade, assim como Kafka antecedeu na Europa.

A investida filosófica advinda desses autores impõe que o termo *rizoma*², condiciona a busca por feixes e bulbos significantes a ponto de se tornar uma possibilidade de entendimento, em que se nega uma raiz principal. Segundo o sentido epistemológico, entende-se raiz principal como os princípios taxonômicos de organização do conhecimento.

Na análise dos recortes do discurso de Carolina, se ousou a utilizar o termo de classificação rizomático, a fim de compreendê-la a partir de outras ramificações possíveis de entendimento. Dessa perspectiva, verifico que seus itinerários, seus fluxos, via de regra, estão conectados com uma cadeia semântica que remete à exclusão, ao abandono, ao preconceito racial e social.

Em relação à narrativa de Carolina, o estudo rizomático propicia desviar-se o olhar das prescrições do sistema literário brasileiro que rege e gerencia as normas e adesões de seu funcionamento. Invisto, portanto, no entendimento da obra dessa autora, a partir de uma perspectiva que aponta para pontos de fuga dos significantes, assim como explicita a proposta desses autores.

Acredito que, tomando-se a perspectiva rizomática, permite-se averiguar sua narrativa pelo viés da liberação do cânone, considerando sua produção como um deslocamento da

²Grifo meu. [Raiz, radícula, ramificações, bulbos] – Modelo epistemológico da teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari, baseado em estudos de Botânica.

situação pivô, um descentramento, um agenciamento, assim como anunciam Deleuze e Guattari. Por essa via de acesso, a obra de Carolina Maria de Jesus é passível de análise, pois recupera noções importantes no que se refere às acomodações culturais no Brasil. Diante da perspectiva rizomática e dos prolongamentos que este estudo sugere são manifestos os diversos bulbos e ramificações que sua obra pode alcançar, independente das configurações fixadas pela tradição literária oficial, por exemplo.

Uma terceira via metodológica pretendida nesse trabalho está na verificação do discurso da escritora sob o prisma da invisibilidade. No capítulo III, denominado Carolina Maria de Jesus e suas multiplicidades, pretendo auscultar a voz da escritora, a partir daquilo que denuncia e/ou silencia, enquanto se busca uma possível delimitação do espaço em que se instala. Essa busca se dá desde trechos recorrentes da vida interiorana em Minas Gerais, até o espaço restrito e condicionado da favela do Canindé em São Paulo.

Para tanto, busco explorar a categoria do espaço a partir da concepção de Michel Foucault no texto *De espaços outros* (1994). Segundo esse autor, se a grande obsessão do século XIX teria sido a história, nos tempos atuais, a grande problemática se volta para as delimitações do espaço.

Entender a perspectiva do espaço por onde trafega Carolina remete ao entendimento de como esse indivíduo é concebido, sentido, percebido dentro da realidade do mundo material. Em relação a esse aspecto, verificou-se na literatura universal, a figura precedente de Baudelaire como o poeta que faz a articulação com o novo espaço que a cidade moderna começava a delinear a partir da segunda metade do século XIX. Segundo Menezes (2006), Baudelaire foi poeta da cidade moderna que, no contexto de uma Europa industrial, se perturbava com a ideia das imposições de um novo espaço:

Baudelaire é o primeiro moderno, o primeiro a aceitar a posição desclassificada, desestabelecida do poeta – que não é mais celebrador da cultura a que pertence; é o primeiro a aceitar a miséria e a sordidez do espaço urbano. (MENEZES, 2006, p.14).

A perspectiva do *flâneur* baudelairiano revela um novo âmbito de visada em relação à cidade moderna. Entendo que o interesse desse procedimento estava em se propagar um discurso em que se expunha o pensamento de uma pessoa, que impregnada por uma ótica burguesa, pretendia apreender a cidade, a fim de experimentá-la.

Nesse contexto, se verificava a existência de um indivíduo que se moveria procurando entender os fenômenos urbanos da modernidade e os aspectos caóticos impostos pela Revolução Industrial e todas as demandas advindas desse processo.

No caso específico de Carolina Maria de Jesus, levando-se em consideração a perspectiva da cidade contemporânea imaginada por ela, admitem-se outras especificidades. Nesse fluxo de análise, procuro firmar o discurso de Carolina como um sinalizador de que, ao se privilegiar determinadas vozes, negam-se ou silenciam-se outras. No subcapítulo, denominado Contemporizando o espaço, indico essa perspectiva, em detrimento à perspectiva muito utilizada no século XIX, que foi a da análise do tempo.

Parto da leitura de Michel Foucault que questiona se há espaço suficiente para o homem no mundo contemporâneo, tendo em vista os grandes problemas que advêm das relações de vizinhança, circulação e identificação desses indivíduos ao procurarem se estabelecer em determinados ambientes. O autor aponta, portanto, sobre a alocação desses sujeitos dentro da heterogeneidade desse espaço.

Outra condição desse subcapítulo é entender o discurso de Carolina Maria de Jesus visto que a autora se vê condicionada a viver em um espaço determinado (imediações da favela e da cidade), havendo para ela reservas da totalidade do mundo. Michel Foucault denomina esse espaço, utilizando o termo técnico de alocação heterotópica.

Outra perspectiva metodológica de análise incluída nesse capítulo remete à projeção de sua escritura sobre si mesma, como é o caso do subcapítulo A escrita de si. Nesse caso, também se procura amparo teórico nas leituras que Michel Foucault faz sobre essa tomada de perspectiva em textos anteriores ao cristianismo.

A partir da análise de Foucault, entendo a importância da escrita quando ela aponta para si, ou mesmo quando ela depende da apreciação do todo social, como advoga o autor sobre os eventos da ascese e da anacorese na Antiguidade. Compreendo que o discurso de Carolina Maria de Jesus, principalmente em *Quarto de despejo* (1960), aponta, ora para o interesse de purificação, ora para um forte intimismo.

Já em relação ao subcapítulo, A aventura semiótica da composição da cidade, vasculho a intensidade com que Carolina apreende a cidade e como cria um discurso específico para concebê-la. A partir do texto *Semiologia e Urbanismo*, de Roland Barthes, verifico que o autor aponta para a dificuldade em se organizar uma semiótica do espaço urbano. Nesse sentido, tomará como referência outras áreas de conhecimento como a Arquitetura, a Geografia e a História. Em relação à obra de Carolina a concepção que se tem do espaço construído por ela passa por instâncias onde atuam e se encontram forças subversivas e mesmo forças de ruptura, que evidenciam a sua postura diante do mundo.

Na tentativa de investigar os itinerários de Carolina e apontar sua trajetória, cogito que seus fluxos e deslocamentos configuram-se à moda de uma saga, que ganham reforços no

subcapítulo Questões de gênero e raça, a fim de se compor um panorama do percurso do povo negro, enquanto matriz cultural brasileira que, na confluência da História, procura articular-se como uma voz possível dentro do imaginário da construção identitária nacional.

RESULTADOS

O trabalho está em andamento desde 2014 e já obteve aprovação em nível Qualificação de Tese. Nesse momento os esforços concentram-se na elaboração da defesa final de tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que está sendo realizado com a obra de Carolina Maria de Jesus tenciona fazer a discussão e o resgate de outras vozes dissonantes que compõem o cenário das letras e da cultura nacionais. Assim, concluo que o discurso de Carolina tem a força e a potência de ampliar novas discussões em relação à formação étnica de nosso povo, bem como promover um entendimento sobre a composição de nossa cultura, ao passo que foi se acomodando e sofrendo suas demarcações dentro do chamado *continuum* da História.

Nesse sentido, verifico que a partir do discurso de Carolina Maria de Jesus evidencia-se a tentativa de proporcionar novas interlocuções de agentes sociais negligenciados e/ou cerceados por uma visão hegemônica da cultura e da arte nacionais. Entendo que a obra da escritora mineira serve como um anteparo possível, quando se pretende evidenciar os fluxos por onde adentrou e se proliferou a matriz africana na composição e formulação da identidade nacional brasileira.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **La aventura semiológica**. Ediciones Paidós Ibérica S.A.: Barcelona, 1993.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**/ tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2.ed. – Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**/ tradução Maria Lúcia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 42. n.4. p. 18-31. dezembro 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. – Rio de Janeiro: Ed.34, 1995. 94p. (Coleção TRANS).

DUARTE, E. de A. **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. Literatura afro-brasileira: Um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 31, jan./jun. 2008, p. 11–23.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol I. O legado da “raça branca”. Dominus Editora. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1965.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

_____. **Dos Espaços outros**. Estudos avançados 27 (79). Tradução: Ana Cristina Arantes Nasser, publicado em Dits et écrits, v. 5, Paris, Gallimard, 1994.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Diário de uma favelada. Círculo do Livro. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1960.

_____, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. LEVINE,

R.; MEIHY, J. C. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

MOTA, C. G. **Ideologia da cultura brasileira (1933 – 1974): pontos de partida para uma revisão histórica**. 4. ed. Prefácio: Alfredo Bosi. São Paulo: Editora 34, 2014.

PERPÉTUA, E. D. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

SILVA, M. A. M. da. **A descoberta do insólito: literatura negra e periférica no Brasil (1960 - 2000)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. 688 p. (Coleção Tramas Urbanas).

SOUSA, G. H. P. de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1ª ed.- São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MENEZES, Marco Antônio de. **Baudelaire: o poeta da cidade moderna**. I Seminário Arte e Cidade de Salvador. Maio de 2006. UFBA. Texto da internet, (consulta em nov 2015).